

Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE): Um estudo de recepção com surdos da região Sudeste

Subtitling for the deaf and the hard-of-hearing (SDH): A reception study with Southeastern Brazilian deaf

Vera Lúcia Santiago Araújo¹
Patrícia Araújo Vieira²
Sílvia Malena Modesto Monteiro³

Abstract: This paper aims at presenting the results of an exploratory research on the reception of subtitled films carried out by group LEAD (Subtitling and Audiodescription) from UECE (State University of Ceara) with deaf individuals from the Southeast region of Brazil. This research is part of a bigger one called MOLES Project (Model of Subtitling for the Deaf) developed from 2009 to 2012 with deaf people from different regions of Brazil, and using subtitled short films made by filmmakers from the state of Ceara. The results suggest that segmentation (having visual, rhetorical and linguistic aspects as criteria) would be more relevant for an efficient reception than subtitle rate. Thus, we intend to open space for new discussions and also glimpse new perspectives in research related to SDH (Subtitling for the Deaf and Hard-of-hearing).

Keywords: Subtitling; Deaf; Audiovisual Translation.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE. E-mail: verainnerlight@uol.com.br

² Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: pattvieira477@yahoo.com.br.

³ Professora da Universidade Estadual do Ceará (Bacharelado e Licenciatura em Língua Inglesa); Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: malenamonteiro@gmail.com.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo principal mostrar os resultados de uma pesquisa exploratória sobre a recepção a filmes legendados realizada pelo grupo LEAD (Legendagem e Audiodescrição) da UECE (Universidade Estadual do Ceará) com surdos da região Sudeste do Brasil. Essa pesquisa é um recorte do Projeto MOLES (Modelo de Legendagem para Surdos) realizada no período de 2009 a 2012 com surdos de diferentes regiões do Brasil, utilizando como corpus curtas-metragens de cineastas cearenses. Os resultados sugerem que a segmentação, tendo como critérios a segmentação visual (pelo corte), a retórica (pelo fluxo da fala) e a linguística (pela sintaxe), seria mais relevante para uma recepção eficiente do que a velocidade de leitura das legendas. Assim, pretendemos abrir espaço para novas discussões e vislumbrar novas perspectivas em pesquisas em LSE (Legendagem para Surdos e Ensurdidos).

Palavras-chave: Legendagem; surdos; Tradução Audiovisual.

1. Introdução

A questão da acessibilidade de indivíduos com deficiência sensorial (cegos e surdos) aos meios audiovisuais transformou-se num tema de bastante interesse tanto para a sociedade quanto para os pesquisadores em Tradução Audiovisual (TAV). A procura por produtos acessíveis por meio da LSE, da audiodescrição e da interpretação em LIBRAS, tem incrementado bastante a pesquisa na área. Pesquisadores do grupo LEAD (Legendagem e Audiodescrição) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) vêm investigando a legendagem para surdos e ensurdidos (LSE) por mais de dez anos. O principal objetivo é encontrar parâmetros de LSE que atendam às necessidades dos surdos brasileiros. Três estudos (FRANCO E ARAÚJO, 2003 [estudo 1]; ARAÚJO, 2004 e 2005, 2007 [estudo 2] e 2008 [estudo 3]) foram desenvolvidos até agora na cidade de Fortaleza. Os resultados sugeriram que os padrões atuais exibidos pelos canais de televisão do Brasil precisariam de ajustes, e que a velocidade da legenda, a condensação e a edição seriam elementos-chave para permitir que espectadores surdos pudessem assistir confortavelmente a uma produção audiovisual legendada.

No entanto, um quarto estudo intitulado *Em busca de um modelo de legendagem para surdos para o Brasil* (Projeto MOLES) encontrou resultados diferentes. Depoimentos de surdos de todo o Brasil demonstraram ser possível assistir a filmes com legendas consideradas rápidas até mesmo para ouvintes, mas segmentadas segundo critérios apontados por alguns especialistas (REID, 1990; D'YDEWALLE ET ALLI, 1987; CINTAS E REMAEL, 2007). Este trabalho pretende apresentar os resultados parciais dessa pesquisa, revelando dados referentes aos participantes da região Sudeste do Brasil. A pesquisa foi realizada no período de 2009 a 2012, utilizando como *corpus* curtas-metragens brasileiros legendados.

O trabalho está dividido em quatro seções, além desta introdução. A primeira trata de aspectos teóricos e práticos a respeito da LSE. A segunda traz a metodologia para realizar a pesquisa durante o Projeto MOLES. A terceira analisa os protocolos de pesquisa referentes aos surdos do Sudeste do país. A quarta contém as considerações finais, tendo em conta o estado da arte da pesquisa em LSE no Brasil.

2. A legendagem para surdos e ensurdidos (LSE)

A legendagem é um recurso visual que permite aos seus usuários terem acesso aos meios de comunicação e ao entretenimento proporcionado pelos meios audiovisuais. Existem dois tipos de legendas: a interlinguística, geralmente voltada para espectadores ouvintes, e a intralinguística, normalmente direcionada para pessoas surdas e com baixa audição. A LSE no Brasil é produzida por meio do sistema americano de legendagem *closed caption*, o qual se constitui, na maioria das vezes, numa transcrição à letra dos diálogos dos filmes ou programas de TV. O processo da LSE no Brasil é diferente da legendagem para ouvintes (LO). Na LSE, a produção fica por conta de estenotipistas, assim chamados porque operam um teclado, o estenótipo, ligado a um estenógrafo computadorizado. O estenótipo é muito

usado para transcrever pautas de reuniões e assembleias. Na Europa, no entanto, a produção é semelhante à LO, diferenciando-se somente por informações adicionais que só podem ser capturadas pelo sentido da audição, como os efeitos sonoros e a identificação do falante. A proposta da UECE corrobora a europeia, como veremos mais adiante.

Essa diferença de abordagem pode ser explicada pelo fato de que parece haver um consenso no país de que a LSE não é uma tradução, uma vez que a Norma Complementar¹ 01/2006, portaria 310 de junho de 2006 que complementa o decreto 5296 de 2004 não reconhece o status de tradução na legendagem para surdos e nem na audiodescrição para cegos. Para essa portaria, as LSEs são definidas como:

transcrição [grifo nosso], em língua portuguesa, dos diálogos, efeitos sonoros, sons do ambiente e demais informações que não poderiam ser percebidos ou compreendidos por pessoas com deficiência auditiva.

Esse tipo de concepção não se sustenta, já que os estudos da tradução reconhecem três tipos de tradução: a interlinguística (texto de partida e chegada em línguas diferentes); a intralinguística (texto de partida e chegada na mesma língua); e a intersemiótica (texto de partida e chegada em meios semióticos diferentes, do visual para o verbal e vice-versa). A LSE seria, então, de acordo com essa classificação, uma tradução intralinguística.

Na confecção das legendas para ouvintes em nosso país, usa-se o modelo europeu de legendas com no máximo duas linhas e tempo de duração entre 4 a 6 segundos. Essas legendas são condensadas nas situações em que a velocidade da fala for superior à velocidade de leitura. São três as velocidades que, segundo D'YDEWALLE ET ALLI (1987), podem produzir uma boa recepção: 145, 160 e 180 palavras por minuto (ppm). Quanto ao formato, elas são exibidas, normalmente, nas cores branca ou amarela. São produzidas com ajuda de um *software*, o *Subtitle Workshop* (SW), que permite a marcação do

¹ In: <http://www.faders.rs.gov.br/portal/index.php?id=legislacao&cat=4&cod=377>

tempo do vídeo (o início e o final de cada legenda), a tradução, a revisão e a versão prévia do vídeo legendado (ARAÚJO E NASCIMENTO, 2011).

Outra particularidade da LO é a necessidade de, algumas vezes, condensar o texto em razão da diferença entre as velocidades da fala e da legenda. Como, na maioria das vezes, a fala é mais rápida do que a escrita, as legendas tendem a ser reduzidas para que possam ser lidas no tempo disponível, pois a condensação:

permite o sincronismo entre legenda, fala e imagem, o qual é essencial para facilitar a leitura do espectador: eles devem ter tempo suficiente para ler as legendas, ver as imagens, ouvir o áudio e aproveitar o programa confortavelmente. Ideias redundantes e não relevantes são normalmente eliminadas. (ARAÚJO E NASCIMENTO, 2011: 3)

Além da condensação, outro parâmetro relacionado ao aspecto visual que permite um conforto na recepção é o da segmentação, o qual diz respeito ao parâmetro da legendagem relacionado à divisão e distribuição de legendas. O fenômeno ocorre tanto entre duas legendas diferentes, quanto dentro da mesma legenda, que, neste caso, é chamada de quebra de linha. Para segmentar uma fala em legendas, pode-se adotar três critérios: 1) linguístico - pautado pela sintaxe, ou seja, cada legenda ou quebra de linha deve ter um pensamento completo formado por estruturas linguísticas no nível do sintagma nominal, verbal, adverbial e preposicionado) e da oração (coordenada e subordinada); 2) retórico - pelo fluxo da fala, ou seja, quando há pausa, uma nova legenda é produzida; 3) visual - pautado pelo corte de cena, ou seja, sempre que houver um corte, teremos uma nova legenda (ARAÚJO, 2012: 16-17).

A proposta de legendagem da UECE diferencia-se daquela exibida pelos canais de televisão brasileiros. Para nós, conforme dito anteriormente, a LSE deve seguir os mesmos padrões da LO, com o acréscimo das informações adicionais, como a identificação de falante ("Patrícia", "Malena" e "Vera") e de efeitos sonoros ("passos na escada", "um grito de terror"). No que diz respeito aos efeitos sonoros, é preciso transformar os sons em palavras para

que o surdo possa associar a trilha sonora ao enredo do filme, já que sabemos que o som no cinema também tem significado dentro do filme. IVARSSON E CARROLL (1998) lembram a responsabilidade das empresas que produzem legendas, utilizadas não só por pessoas com deficiência auditiva, mas também por crianças em fase de aprendizagem da leitura, imigrantes que não dominam a língua e idosos, dentre outros. Trata-se de uma questão de responsabilidade com várias categorias de telespectadores.

3. Metodologia

Nessa seção será apresentada a metodologia utilizada para a testagem do modelo de legendagem considerado pelo público surdo cearense como eficiente para que eles tivessem uma boa recepção a filmes legendados (ARAÚJO, 2008). Para testar o modelo, fizemos uma comparação entre vários parâmetros de legendagem, principalmente no que diz respeito à velocidade de leitura, tido, até então, como o mais problemático para a eficiência do sistema americano de *closed caption*.

3.1. Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de cunho descritivo-exploratório e de natureza qualitativa. É também uma pesquisa de recepção, metodologia bastante utilizada dentro dos estudos da TAV, a qual analisa como a tradução é recebida pelo público-alvo. A pesquisa aconteceu em quatro regiões do país. Cada região, com exceção da região Norte, teve como avaliadores da legenda cinco surdos de dois estados da região. Os estados foram escolhidos pelo grupo tendo em vista o relacionamento da UECE com as universidades localizadas neles. Contudo, não houve resposta de nenhum dos estados do Centro-Oeste contatados e, da região Norte, apenas em Roraima houve a possibilidade de a pesquisa ser realizada. Mesmo assim, tivemos resultados

conclusivos visto que os mesmos resultados se repetiram nos protocolos apresentados pelos 34 surdos participantes da pesquisa.

Por razões de espaço, este trabalho só apresentará os resultados referentes aos dois estados da região Sudeste, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

3.2. Participantes

Participaram da pesquisa do Projeto MOLES 34 surdos, com idades entre 18 e 40 anos. Todos responderam a um questionário (pré-coleta), que teve como objetivo traçar o perfil do informante. Essa pesquisa também teve a participação de intérpretes de LIBRAS para mediar a comunicação entre os pesquisadores e os surdos. Vejamos agora o perfil dos participantes da região Sudeste:

- a) Belo Horizonte - duas mulheres e três homens, com idades entre 18 e 26. Todos, com exceção de um, que é universitário, estão no ensino fundamental. Todos, com exceção de um, aprenderam LIBRAS em instituições com idades entre 0 e 6 anos. Quatro costumam assistir a filmes legendados tanto no cinema como na TV.
- b) Rio de Janeiro - quatro mulheres e um homem, com idades entre 25 e 29 anos, todos universitários. Com exceção de um, que aprendeu em casa quando criança, todos aprenderam LIBRAS em instituições, com idades entre 15 e 20 anos. Costumam assistir a filmes legendados na TV e no cinema com frequência.

3.3. *Corpus* e procedimentos

O *corpus* foi constituído por quatro curtas metragens de cineastas cearenses: “O amor na sua violência e na sua doçura” de SARA BENVENUTO (2008) UECE; “Águas de Romanza” de PATRÍCIA BAÍA E GLÁUCIA SOARES (2002); “Reisado Miudim” de PETRUS CARIRI (2009); “Uma vela para Dario” de SORAYA FERREIRA ALVES (2010). Todos os filmes foram legendados. Dos quatro filmes,

três foram legendados conforme três tipos de velocidades diferentes (145, 160 ou 180 ppm); e um filme segundo o modelo português (legenda de cor branca para a tradução das falas, amarela para as informações adicionais e a posição sobre o falante).

A coleta de dados foi realizada da seguinte maneira (ARAÚJO, 2012: 11):

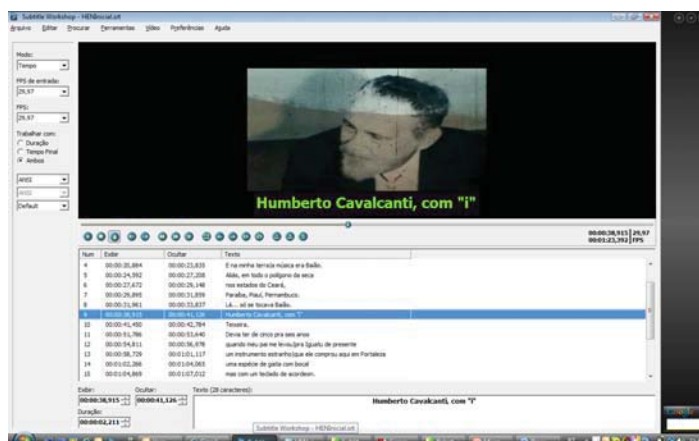
1. O participante respondia a um questionário pré-coleta, contendo suas informações pessoais e suas experiências com legendagem. Em seguida, assistia a cada filme individualmente;
2. O participante fazia um relato em LIBRAS sobre a trama do filme. O objetivo era saber se ele compreendeu o conteúdo do filme, bem como seus detalhes;
3. Por fim, um questionário pós-coleta sobre os parâmetros era respondido. Toda a sessão era filmada e mediada por um intérprete. Os protocolos de análise, então, foram questionários pré-coleta, transcrições dos relatos e questionários pós-coleta.

A análise dos dados foi feita a partir da triangulação dos três protocolos, procurando testar as seguintes hipóteses: 1) quando a velocidade da legenda é de 145ppm, os surdos conseguem entender o conteúdo do filme, bem como seus detalhes; 2) quando a velocidade de legenda é de 160ppm, os surdos conseguem entender o conteúdo do filme, mas não os seus detalhes; 3) quando a velocidade da legenda é de 180ppm, os surdos não conseguem entender o conteúdo do filme e tampouco os detalhes; 4) quando o sistema europeu é utilizado, a recepção é dificultada.

Para a realização da pesquisa, nosso primeiro passo foi selecionar os filmes dos quais os cineastas nos doaram os direitos. Dois deles (“Reisado Miudim” e “Águas de Romanza”) fizeram parte de um projeto de extensão intitulado DVD Acessível, nos quais três DVDs totalmente acessíveis (com menu com audionavegação, LSE, Janela de Libras, audiodescrição) foram produzidos no LATAV (Laboratório de AudioVisual), na UECE.

O segundo passo foi legendar os filmes, editá-los e gravá-los num DVD. Os filmes foram legendados com o SW (*Subtitle Workshop*) versão 2.1 (desenvolvido pela URUsoft - <http://www.urusoft.net> - esse *software* não precisa de licença, é *freeware*). Com ele foi possível desenvolver todas as etapas: marcação, tradução e revisão (Figura 1).

Figura 1: Tela do *Subtitle Workshop*



As legendas não podem ter mais do que duas linhas com aproximadamente 145, 160, 180 ppm, com uma permanência na tela de quatro segundos ou seis segundos para um total de no máximo 78 caracteres. Apesar de não seguir a diretriz europeia dos seis segundos (D'YDEWALLE, 1987; IVARSSON E CARROL, 1998; DÍAZ CINTAS E REMAEL, 2007), o maior número de espaços disponível para quatro segundos (o padrão brasileiro) é muito próximo aos espaços fornecidos por DÍAZ CINTAS E REMAEL (2007). Por exemplo, a tabela 1 apresenta os caracteres permitidos para a obtenção de legendas com velocidade de 145 palavras por minuto:

Tabela 1: Máximo de espaços para uma velocidade de legenda de 145 palavras por minuto (DÍAZ CINTAS E REMAEL, 2007)

145 palavras por minuto	Seconds:	Spaces	Seconds:	Spaces	
	Frames		Frames		
	01:00	16	02:00	29	
	01:04	17	02:04	32	
	01:08	18	02:08	34	
	01:12	20	02:12	36	
	01:16	23	02:16	38	
01:20	25	02:20	40		
Seconds:	Spaces	Seconds:	Spaces	Seconds:	Spaces
Frames		Frames		frames	
03:00	44	04:00	58	05:00	71
03:04	46	04:04	60	05:04	71
03:08	48	04:08	62	05:08	73
03:12	50	04:12	64	05:12	73
03:16	52	04:16	65	05:16	74
03:20	54	04:20	67	05:20	74

Finalmente, foram feitas a coleta e a análise dos dados por região e de acordo com a recepção dos surdos a cada um dos filmes.

4. Resultados

Os resultados serão apresentados tendo em vista a recepção de cada um dos quatro curtas que formaram o *corpus* da pesquisa.

4.1. O Amor na sua Violência e sua Doçura

O filme descreve o trabalho da Delegacia da Mulher. Ele começa apresentando algumas manchetes de jornais e fotografias com cenas de violência contra a mulher. As manchetes são lidas pelo narrador, que não aparece na tela. Posteriormente, a imagem da Delegacia de Polícia é mostrada e uma entrevista com a delegada (Bianca) se inicia. Esse documentário testou a primeira hipótese: quando a velocidade da legenda é de 145ppm, os surdos conseguem entender o conteúdo do filme, bem como seus detalhes.

Os surdos de Belo Horizonte confirmaram nossa hipótese, pois todos entenderam o conteúdo e conseguiram compreender a maioria dos detalhes com a legenda de 145 palavras por minuto. Os detalhes não compreendidos foram a identificação do narrador (nenhum identificou), o nome e a profissão da delegada Bianca (nenhum acertou o nome e só dois, a profissão) e o número de falantes (só dois perceberam que havia dois falantes em cena). O interessante é que todos consideraram as legendas rápidas e o filme difícil de entender. No entanto, os relatos retrospectivos desmentiram essa afirmação, pois percebemos que todos entenderam o conteúdo do filme. Provavelmente, a dificuldade não tenha sido a legendagem, mas a falta de familiaridade com o gênero documentário.

Já no Rio de Janeiro, os surdos demonstraram conhecer esse gênero, pois deram mais detalhes sobre o documentário:

O filme falava das mulheres que sofrem porque apanham, sofrem violência em casa. E o homem é machista, quer mandar na mulher. E a mulher fica aí sofrendo... Porque a mulher tem os direitos dela, mas ela não fala nada porque o homem bate nela. E aí ela fica naquela dúvida de como o filho dela vai ser cuidado, se fica com ele. Se a mulher sair de casa. Se o filho vai ser guarda compartilhada. Ou como vai ser porque, se o homem bate nela, pode bater na criança também. E os direitos da mulher afirmam que o homem que bate na mulher tem que pagar uma pensão alimentícia, ou alguma coisa assim. Isso é bastante importante, tá dentro também dos direitos. Porque essa violência pode ser auxiliada com um advogado, num processo. Por isso que no Brasil eu acho que as mulheres deveriam estudar mais pra ter mais sabedoria e não ficar enfrentando essa violência em casa. Porque parece que aquilo ali é o limite dela. E não é. Não é assim, sabe? Os homens não são superiores. (relato de um participante surdo do Rio de Janeiro)

Apesar de também terem tido dificuldades de identificar o narrador fora de tela e nenhum ter mencionado o nome da delegada, todos apontaram sua profissão. Este resultado já era o esperado, porque foi com essa velocidade que os surdos cearenses, responsáveis pela sugestão dos parâmetros, sentiram-se mais confortáveis.

4.2. Reizado Miudim

O filme conta a história de um menino, Mateus e seu avô, mestre de um grupo de Reizado. Para se tornar um membro do grupo, Mateus ensaia os passos para ser aprovado pelo avô. O dia finalmente chega. Quando Mateus está pronto para entrar no Reizado, seu avô lhe prepara uma surpresa. O velho pede a Mateus que vá ao mercado comprar fita e lantejoula. Enquanto isso, prepara um capacete para seu neto usar na sua primeira dança. Outro garoto, Bruno, segue Mateus e tenta fazê-lo comprar um brinquedo (um boneco do Homem Aranha) ao invés dos itens que o avô pedira. O pedido de Bruno é recusado. O filme termina com a estreia de Mateus no Reizado.

Esse filme testa a segunda hipótese: quando a velocidade de legenda é de 160ppm, os surdos conseguem entender o conteúdo do filme, mas não os

seus detalhes. Em Belo Horizonte, os surdos também tiveram uma recepção eficiente com uma legenda com velocidade de 160ppm, compreendendo o conteúdo do filme e os seus detalhes, refutando a hipótese de que essa velocidade não os permitiria acompanhar uma produção audiovisual com todos os seus detalhes. Ao contrário do que era esperado, todos afirmaram que as legendas estavam boas e dois até disseram que elas estavam lentas. Um dos participantes nos apresentou a narrativa bem detalhada do filme², o que mostra que foi capaz de entender o conteúdo e os detalhes:

Ele [o intérprete falando em terceira pessoa] entendeu um pouco mais claro este filme [o filme anterior foi "O Amor na sua Violência e na sua Doçura"]. Tava falando primeiramente sobre as músicas, as crianças dançando, o menino observando, aí tinha o avô jogando água, eles estavam começado a cantar as musicas. Aí chegou a noite, aí estavam sentados, estavam jantando, tomando café alguma coisa assim. Aí avô dele foi lá no quarto saber o que ele tava fazendo, se ele tava estudando ou não. Aí ele foi lá pro quarto dele lá e viu que o menino tava cantando dançando. Um barulho lá, ele chegou observou e começou a rir. Aí depois quando foi de manhã cedo ele tava escrevendo, o avô chamou ele: vem cá. Aí ele foi lá perto do avô dele e ele começou depois você vem e volta. E o avô mandou ele ir comprar fita. Aí o amigo dele disse assim: vamo [sic] ali comprar coisa pra gente. Não, não vou não, se não posso perder e também não tenho dinheiro. Não, vamo lá vamo lá [sic]. Aí o amigo dele tentando: vamo [sic] comprar ali, não não, ah, deixa de ser bobo sô. vamo [sic] lá. Não vou não, se não vou perder tenho que voltar pro meu avô. Aí então os meninos começaram a discutir, coisa boba por causa de boneco alguma coisa assim. E ele não queria ir. Todos dois, um foi prum lado e outro pro outro. Aí ele foi sozinho, foi rápido né, pegou moto, aí foi andado, aí chegou. Porque você demorou? Eu fui comprar uma música ali. (relato de um participante surdo mediado pelo intérprete)

No Rio de Janeiro, a situação se repetiu. Todos entenderam tanto o conteúdo do filme como seus detalhes, apesar de não nomearem os personagens. Os surdos cariocas também mencionaram que não conheciam a dança, porém seus relatos mostram que a legendagem possibilitou que eles fizessem inferências sobre o Reizado:

² O relato está em terceira pessoa, porque foi essa a forma que este intérprete utilizou para verbalizar sua tradução.

Bom, esse filme tinha muita cantoria. A história fala... é...tinha um grilo e também tinha o som da cigarra. Tinha a voz de personagens, tinha cachorro. Tinha tudo isso ali no texto falando dos sons e o vovô, cantando com o menino. Mostrava isso também na legenda. Falava mais de músicas do Nordeste. Falando da cultura de lá. Tinha a clave da música. Clave musical de quando era música. Latidos, eu não conhecia essa palavra "latido". É o som que o cachorro faz [intérprete explicou o que era]. Que é como se fosse o cachorro falando, né. Pingo d'água, misturava esse som da chuva ou da goteira. Eu entendi. O filme era mais sobre cantar, né. Bem leve. (relato de um participante surdo do Rio de Janeiro)

É importante ressaltar que, de todos os surdos participantes da pesquisa, esses foram os que mais atentaram para a relação entre som e narrativa do filme.

4.3. Uma vela para Dario

O filme é uma adaptação do conto homônimo de DALTON TREVISAN. Conta a história de um homem que desmaia após atravessar uma avenida movimentada. Muitas pessoas passam por ele e tentam ajudá-lo, mas pouco a pouco desistem de fazê-lo. O homem é abandonado e morre sozinho perto de um depósito de lixo sem os pertences pessoais de maior valor. Apenas um menino parece se importar com o morto, pois coloca uma vela acesa na mão de Dario. O filme termina com um narrador fora de tela recitando o poema "Versos Íntimos" de Augusto dos Anjos, o qual fala sobre a decomposição do corpo e a solidão da morte.

Esse curta testou a terceira hipótese: quando a velocidade da legenda é de 180ppm, os surdos não conseguem entender o conteúdo do filme e tampouco os detalhes. Como a anterior, esta hipótese foi também refutada. Os surdos de Belo Horizonte não só entenderam e acompanharam a história, como também os seus detalhes. Não se confundiram com a quantidade de falantes sem nome e nem com o episódio da vela. Aliás, eles conheciam a simbologia da vela. Um dos participantes até relatou um caso semelhante.

É, pode ser. Eu soube de um caso que me contaram... aqui no Instituto, no Centro mesmo, na escola aqui pra surdos... eles viram uma pessoa caída, alguém chutou, alguém encostou na pessoa e viu que a pessoa não mexeu... e a pessoa ficou quietinha... aí chamaram a direção do Instituto que fica em frente do hospital... aí examinaram e o médico constatou que estava morto. Me contaram, eu não sei se é verdade, me contaram.

No entanto, e diferente dos cariocas, no que diz respeito à associação dos sons com o significado do filme, todos notaram que os efeitos sonoros estavam legendados, mas não conseguiram associá-los ao enredo do filme.

Apesar de não terem nomeado os personagens, como os mineiros, os cariocas também tiveram uma boa recepção com as legendas de 180ppm, apesar de terem reclamado da rapidez. Os relatos apresentados demonstraram que eles não só entenderam como tentaram apresentar sugestões para melhorar a legendagem.

Eu até entendi a questão do número, mas gostaria de saber quem é quem. Pensar numa estratégia melhor. Como colocar ali especificando cada um. Por exemplo, especificando pela cor da blusa "mulher de rosa", "mulher de azul"... colocar dessa forma, né. Determinar. Por exemplo, homem de mochila. Tinha um que estava de mochila. Bom, a legenda era rápida, tinha que acompanhar. Eu consegui. Mas, por exemplo, o homem pergunta "o que que aconteceu?", "chama o táxi", aí o taxista pergunta "quem é que vai pagar?", "ah, então volta com o homem". A minha pergunta se o nome dele é "diário"? [Foi dito para o surdo que o nome correto era Dario] (Relato de um surdo do Rio de Janeiro participante da pesquisa)

Em relação à legendagem dos sons, os participantes cariocas conseguiram relacioná-los com o enredo do filme. Um participante até associou a imagem tremida com o desmaio de Dario e os sons do tráfego:

Logo quando começou, ficou um pouco trêmula, a imagem. Parecia que o carro tava buzinando e o sinal de trânsito tava vermelho [inaudível] e passando o verde, continuou tremendo e foi nessa hora que começou a buzinar. E... dentro tinha uma palavra que não conhecia... Tá, eu não conheço essa palavra [A palavra era "barulho"], o resto eu consegui.

A dificuldade em associar legenda e som pode estar relacionada ao tipo de legendagem oferecida. Percebemos que, quando o som estava relacionado com a história, a possibilidade de o surdo entendê-la era maior do que quando apenas descrevíamos o som. Como por exemplo, [música de viola] ao invés de [música alegre] ou [música triste].

4.4 Águas de Romanza (formato europeu de legendagem)

O filme fala sobre Romanza, uma menina que vive com sua avó em uma área muito seca no interior do Ceará. Há seis anos, exatamente a idade da menina, não chove lá. Ela pergunta sempre para sua avó quando irá chover. A velha senhora está muito doente e pensa constantemente nas pessoas de sua família que já faleceram (seu marido e a mãe de Romanza). Sentindo que morrerá logo, ela pede a Percival, um caixeiro viajante, que a ajude a levar a menina para ver a chuva. Então, eles vão de carroça a uma fazenda irrigada no Chapadão da Russa, onde Romanza confunde a água da irrigação com a da chuva.

A quarta hipótese foi: quando o sistema europeu é utilizado, a recepção é dificultada. Presumimos que o sistema de cores usado pelo formato europeu confundiria muito o surdo no seu acompanhamento das legendas, resultando na não compreensão do vídeo. Nesse modelo, as legendas são colocadas sobre os falantes, com informações adicionais em amarelo e a legenda de cor branca. Ao contrário da LSE do sistema de *closed caption*, os personagens são identificados por cores e não entre colchetes. Resolvemos deixar os colchetes na nossa proposta, porque os surdos brasileiros já estão habituados com este tipo de convenção. Em virtude dessa falta de hábito, acreditávamos que os surdos iriam ter dificuldade em entender o conteúdo e os detalhes do vídeo.

De início, o sistema europeu provocou reações de estranhamento nos participantes de Belo Horizonte. Muitos, inclusive, acreditavam que não haviam entendido bem a história ou acharam as legendas muito rápidas. No

entanto, através dos relatos, percebemos que os surdos tiveram boa recepção a esse sistema, porque conseguiram entender o conteúdo e os detalhes do filme:

Conta a história de uma menina, a vovó tava conversando, falava sobre a chuva, fala do homem... fala da vovó e depois conta do homem na carroça, no cavalo, né, aí ele leva a menina em um lugar que tinha chuva. É só isso mesmo. (relato de um participante surdo de Belo Horizonte).

No que diz respeito ao final do filme, quatro surdos perceberam que não era chuva de verdade, mas todos notaram a presença das legendas com a tradução dos sons em forma de palavras, todavia não notaram a ligação da tradução dos sons com a narrativa fílmica.

No Rio de Janeiro, os participantes demonstraram que tiveram uma boa recepção do filme, pois conseguiram entender o final, bem como associar som e enredo. Apesar da boa recepção, eles acharam estranho o formato das legendas.

Por exemplo, aqui eu entendi que era a vó [sic] não entendi que era a menina. Mas não mostrava "aqui é fala da vovó" aí eu tinha que olhar a legenda e relacionar com a pessoa que estava abaixo. Não mostrava, mas outras pessoas surdas podem confundir, porque não conseguiram acompanhar, mas isso varia. (Relato de um participante surdo do Rio de Janeiro)

O fato de terem considerado esse modelo desconfortável, no entanto, não comprometeu a compreensão do conteúdo da narrativa fílmica. Contudo, o formato mais aceito pelos surdos, tanto em pesquisas anteriores como nessa, é o proposto pelo LEAD. Acreditamos que essa rejeição ao modelo europeu esteja relacionada ao fato de os surdos brasileiros já possuírem o hábito de ler legendas de acordo com os parâmetros propostos pelo grupo LEAD, por serem muito próximos às legendas exibidas em DVDs comercializados no Brasil em LO.

5. Considerações Finais

A partir dos dados encontrados e analisados na pesquisa de recepção com surdos da região Sudeste do Brasil, podemos tecer algumas conclusões que ajudam a compreender melhor o fenômeno analisado. Os participantes mostraram que a velocidade das legendas não se tornou um fator primordial para a não compreensão das mesmas, pois, conforme já foi dito, os participantes do Projeto Moles se submeteram a velocidades superiores a 145ppm e continuaram tendo uma recepção eficiente do filme. Como os filmes foram legendados exatamente como os das pesquisas anteriores, com exceção da segmentação seguindo os critérios apontados por pesquisadores (REID, 1990; D'YDEWALLE ET ALLI, 1987; CINTAS E REMAEL, 2007) acreditamos que esse parâmetro tenha colaborado para a boa recepção dos filmes com velocidades altas, muito mais do que a legenda com velocidade baixa preconizada pelos surdos cearenses (ARAÚJO, 2008). Muito embora os gêneros usados nessa pesquisa tenham apenas sido o documentário e o drama, os resultados obtidos por meio dela sugerem que o parâmetro da segmentação mereceria mais atenção por parte dos legendistas, tanto em ficção quanto em documentários.

A legendagem do Projeto MOLES também possibilitou aos surdos fazerem inferências sobre vocabulários desconhecidos e sobre elementos culturais dos ouvintes muitas vezes desconhecidos por eles. No filme "Reisado Miudinho", os participantes afirmaram que não conheciam esta manifestação cultural. Pelas legendas e pela imagem, eles perceberam o Reisado como uma tradição envolvendo uma dança típica do Nordeste.

No que diz respeito aos efeitos sonoros, percebe-se que ainda não é fácil para os surdos fazer uma associação entre os sons e seu significado no filme. Percebemos que essa dificuldade muitas vezes aconteceu por conta de não termos conseguido traduzir com eficiência essa relação entre som e enredo. Atualmente, estamos desenvolvendo estudos com o objetivo de analisar melhor essa relação por meio da linguística de *corpus* e dos estudos

fílmicos. Esses estudos abrangem tanto a legendagem feita pelo LEAD quanto aquelas oferecidas comercialmente em filmes em DVD.

Por fim, são muitas as descobertas a serem feitas através de pesquisas de recepção de legendas e muitos os aspectos que influenciam essa questão. Nosso objetivo é aprofundar os estudos desse tema, a fim de melhorar a qualidade da acessibilidade de surdos/ensurdidos, buscando modelos de legendagem por meio de pesquisas experimentais para obter dados mais conclusivos acerca do papel da segmentação na recepção da LSE no Brasil. Dessa forma, pretendemos abrir espaço para novas discussões e vislumbrar novas perspectivas em pesquisas em LSE.

6. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, V. L. S. Closed subtitling in Brazil In: ORERO, P. (org.). *Topics in Audiovisual translation*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, v. 1, 2004: 199-212.

_____. A legendagem para surdos no Brasil. In: LIMA, P. L.C.; ARAÚJO, A. D. (orgs.). *Questões de Linguística Aplicada: Miscelânea*. Fortaleza: EdUECE, 2005: 163-188.

_____. Subtitling for the deaf and hard-of-hearing in Brazil In: ORERO, P.; REMAEL, A. (orgs.). *Media for All: Subtitling for the Deaf, Audio Description and Sign Language*. Kenilworth: Nova Jersey, EUA: Rodopi, v. 30, 2007: 99-107.

_____. Por um modelo de legendagem para surdos no Brasil. *Tradução e Comunicação*, n. 17, 2008: 59-76.

_____. In Search of SDH Parameters for Brazilian Party Political Broadcasts. In: *The sign language translator and interpreter*, v.3, n. 2 Manchester: St. Jerome Publishing Company, 2009.

_____. NASCIMENTO, Ana Katarinna Pessoa. Investigando Parâmetros de Legendas para Surdos e Ensurdidos no Brasil. *Tradução em Revista*, n. 11, 2011: 2-18.

_____. *Relatório Técnico Final: Projeto Moles*. Processo de nº 306948/2008-7 submetido ao CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). 44p, 2012. Não publicado.

ARAÚJO, V.; MONTEIRO, S.; VIEIRA, P. - Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE): Um Estudo de Recepção com Surdos da Região Sudeste

DIAZ-CINTAS, J.; REMAEL, A. *Audiovisual Translation: Subtitling*. Manchester, UK, Kinderhook, NY, UK: St. Jerome Publishing, 2007.

DE LINDE, Z.; KAY, M. *The semiotics of subtitling*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.

DIAZ CINTAS, J.; REMAEL, A. *Audiovisual translation: subtitling*. Manchester: St. Jerome Publishing Company, 2007.

D'YDEWALLE, G.; PRAET, C.; VERFAILLIE, K.; VAN RENSBERGEN, J. Reading a message when the same message is available auditorily in another language: the case of subtitling. In: O'REGAN, J. K.; LÉVY-SCHOEN, A. (eds.). *Eye Movements: From Physiology to Cognition*. Amsterdam, New York: Elsevier Science Publishers, 1987: 313-321.

FADERS (Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para PCD e PCAH no RS). Secretaria da Justiça e dos direitos Humanos. Portal de Acessibilidade do RS.

Sítio:

<http://www.faders.rs.gov.br/portal/index.php?id=legislacao&cat=4&cod=377>

FRANCO, E.; ARAUJO, V. L. S. Reading Television: Checking deaf people's reactions to Closed Subtitling in Fortaleza, Brazil. In: GAMBIER, Y. (org.). *The Translator*, v. 9, n. 2, 2003: 249-267.

IVARSSON, J.; CARROL, M. *Subtitling*, Simrishamn, Sweden Grapho-Tryck AB, 1998.

REID, H. Literature on the screen: subtitle translation for public broadcasting. In: BART, W.; D'HAEN, T. (Eds.). *Something understood*. Studies in Anglo-Dutch literary translation. Amsterdam: Rodopi, 1990: 97-107.

Filmes

ÁGUAS de Romanza. Direção: Gláucia Soares e Patrícia Baía. Ceará, Brasil, 2002, 1 DVD (15min), color., legendas (para surdos em português), audiodescrição e audionavegação.

AMOR na sua violência e na sua doçura. Direção: Sara Mabel Benvenuto. Ceará, Brasil, 2008, (10 min), color., legendas (para surdos em português), audiodescrição.

REISADO Miudim. Direção: Petrus Cariry. Ceará, Brasil, 2008, 1 DVD (13min), color., legendas (para surdos em português), audiodescrição e audionavegação.

UMA VELA para Dario. Direção: Soraya Ferreira Alves. Ceará, Brasil, 2008, (13 min), color., legendas (para surdos em português), audiodescrição.

Figuras e quadros

FIGURA 1: tela do programa para criação e edição de legendas *Subtitle Workshop*.

TABELA 1: extraída de DIAZ-CINTAS, J.; REMAEL, A. *Audiovisual Translation: Subtitling*. Manchester, UK, Kinderhook, NY, UK: St. Jerome Publishing, 2007.